

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO  
reciclagem , requalificação , rearquitectura

**anais do 7º seminário do\_co\_mo\_mo\_brasil**

porto alegre, 22 a 24 de outubro de 2007

**Urbanismo modernizador, consolidação modernista, reuso pós-moderno:  
a dinâmica de transformação urbana em Natal e  
a dilapidação de seu acervo arquitetônico**

Edja Trigueiro; Gleice Elali; Maísa Veloso

Professoras Doutoradas do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo  
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU-UFRN)

Endereço: PPGAU-UFRN, Centro de Tecnologia, Campus Central da UFRN. CEP: 59 072-970. Natal/RN  
e-mails: edja.trigueiro@oi.com.br; gleiceae@gmail.com; maisaveloso@uol.com.br

## **Urbanismo modernizador, consolidação modernista, reuso pós-moderno: a dinâmica de transformação urbana em Natal e a dilapidação de seu acervo arquitetônico**

### RESUMO

No processo de construção e re-construção das cidades, usos e estilos se sobrepõem e contrapõem continuamente, em função do jogo das forças sociais e ambientais que caracterizam a dinâmica urbana. Partindo desse pressuposto, o texto analisa o processo de transformação de uma área urbana central considerada “nobre” da cidade de Natal, parte dos bairros de Tirol e Petrópolis, designada Cidade Nova, quando de sua planificação, entre 1901 e 1904, como bairro residencial de elite. Surgidos a partir do chamado *Master Plan* de Polidrelli e confirmados pelo *Plano Geral de Systematização* de Palumbo, os 48 quarteirões que compunham originalmente a área (Miranda, 1999) tiveram sua ocupação edilícia consolidada entre as décadas de 1920 e 1960, conforme evidencia a planta de 1924 – elaborada por Henrique Novaes e Paulo Coriolano para a firma Saturnino de Brito, contratada para implementar o sistema de água e esgotos de Natal (Miranda, 1981, p.123), onde aparecem pequenos núcleos de ocupação e edifícios esparsos – e as características morfológicas do conjunto edificado que sobreviveu até finais do século passado. É, portanto, nessa área de pouco mais de um quilometro e meio quadrado que se concentra o mais importante – em volume e diversidade de tendências – conjunto representativo da arquitetura doméstica proto-moderna e moderna potiguar. O crescimento urbano de Natal nos anos 1970 e 1980, o deslocamento do centro ativo a partir dos núcleos originais de ocupação – Cidade Alta e Ribeira – e o processo de desvalorização e esvaziamento desses núcleos, fizeram com que a área analisada passasse por sensíveis mudanças, deixando de ser essencialmente residencial e constituindo-se cada vez mais como um centro de comércio e de prestação de serviços especializados, destinados a grupos sociais de média e alta renda — tornou-se hoje, por exemplo, o mais importante pólo-médico hospitalar da cidade — , além de enfrentar um acelerado processo de verticalização, tanto para fins institucionais quanto para habitações multifamiliares. Tais mudanças de uso acarretaram a substituição do conjunto edilício de Petrópolis e Tirol e ameaçam extinguir qualquer vestígio do que de melhor se produziu em termos do patrimônio edificado modernista residencial da cidade. O texto ilustra este processo com exemplos de edificações inventariadas e analisadas pelo grupo de pesquisa de suas autoras, a fim de demonstrar que, na ausência de qualquer política de proteção à arquitetura moderna, em face de uma sociedade composta primordialmente de recém-chegados fortemente movidos por um ideário social de atualização/reordenação (a população saltou de 200 mil habitantes, nos anos 60, para mais de um milhão atualmente), e de um mercado imobiliário em expansão, o “novo” e o “lucro” parecem ser as únicas noções subjacentes ao processo de transformação. Neste estudo, busca-se também demonstrar, através de projetos analisados, o quase total “desrespeito” pelas características formais e estilísticas modernas originais dos edifícios reformados ou substituídos, que, por despreparo teórico e técnico de projetistas que os consideram (ultra) passados, já em muito distanciam Petrópolis e Tirol da qualidade ambiental e do *éthos* da outrora decantada Cidade Nova.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna; mudanças urbanas; conservação do patrimônio.

### ABSTRACT:

#### **Modernising urbanism, modernist consolidation, post-modern re-use: the dynamics of urban transformation in Natal and the extinction of its architectural heritage**

As cities are constructed and re-constructed, building uses and styles are continually juxtaposed and counterposed as a result of social and environmental forces that are intrinsic to the urban dynamics. Based on this premise, this paper analyses the urban transformation of a central area deemed as “noble” in Natal, now part of the neighbourhoods of Tirol and Petropolis, the once denominated “Cidade Nova”, which was developed between 1901 and 1904 as an upper class residential suburb. Conceived in the so-called *Master Plan*, by Antonio Polidrelli and ratified in the *Plano Geral de Systematização* by Giacomo Palumbo, the originally designed 48 blocks (Miranda, 1999) were gradually occupied between the 1920s and 1960s, as can be verified in the 1924 plan, by Henrique Novaes and Paulo Coriolano for the firm Saturnino de Brito, commissioned to develop Natal’s water and sewage systems (Miranda,1981:123), which shows a few scattered constructions surrounding some small clusters of buildings. This process is also evidenced by the presence of morphological attributes dating from those decades in the architectural remains that have survived until the last decades of the 20<sup>th</sup> century. It is, therefore, this area, little larger than one and a half square kilometres, that concentrates the most important ensemble – in quantity and diversity – of proto-

modern and modern domestic architecture produced in Rio Grande do Norte. The urban expansion of Natal in the 1970s and 1980s, the shifting of its active centre from the original nuclei – Cidade Alta and Ribeira – to other parts of town, and the devaluation or emptying of those nuclei which followed that process, brought profound changes to the former site of Cidade Nova, which ceased to be a predominantly residential neighbourhood composed of one-family low-rise dwellings to become an upmarket commercial and service centre – i.e. the largest concentration of medical services – interspersed by high rise apartment blocks. Such changes in land use are promoting a rapid re-construction of Petrópolis and Tirol's built environment so that all vestiges of the town's best examples of modernist domestic heritage are threatened of extinction. The proposed paper depicts this process with examples of cases recorded and analyzed by the authors' research group and seeks to demonstrate that in the absence of any official policy for safeguarding local modernism, in the context of a society predominantly made up of newcomers strongly motivated by the idea that renovation equals improvement (Natal's population jumped from 200 thousand inhabitants in the 1960s to over a million in the present metropolitan area) and of an expanding land market, the "new" and the "lucrative" appear as the only notions underlying the current urban transformation. In this study, we also seek to demonstrate through the examined cases, that the lack of interest and respect for the integrity of the original formal and stylistic attributes of revamped or substituted modernist buildings, often resulting from poor theoretical and technical expertise among professionals who sees them as obsolete, is depriving Petrópolis and Tirol of the environmental quality and ethos of the once highly praised Cidade Nova.

**KEY-WORDS:** modern architecture; urban change; built heritage conservation.

# **Urbanismo modernizador, consolidação modernista, reuso pós-moderno: a dinâmica de transformação urbana em Natal e a dilapidação de seu acervo arquitetônico**

## **Introdução: A Cidade Nova**

O despertar da minúscula cidade de Natal, de que se dizia “não haver tal”, na crônica dos viajantes do século 18 (Frei Agostinho de Santa Maria apud Cascudo, 1980), dá-se a partir de meados do século 19, após mais de dois séculos de isolamento. A ocupação em cidade alta e baixa, comum a tantos assentamentos de herança colonial portuguesa, correspondia então ao núcleo original fundado em 1599 no topo de colina debruçada sobre o Potengi, atual bairro de Cidade Alta, e ao núcleo surgido à margem do rio, depois bairro da Ribeira, ligado à Cidade Alta, desde o início do século 18, por aterro sobre área alagadiça.

Conforme se assinala com freqüência na historiografia do Rio Grande do Norte, dentre as várias evidências do impulso de desenvolvimento que marcaria a entrada da cidade no século 20, está o surgimento de novos bairros, o Alecrim, a sudoeste da Cidade Alta, ponto de chegada das rotas terrestres para o interior, e a Cidade Nova, primeiro bairro planejado, a partir de 1901, que expandiu o traçado a sudeste da Cidade Alta, através da abertura de sete avenidas e dez ruas, dispostas em malha ortogonal, compreendendo a área delimitada entre as avenidas Deodoro da Fonseca e Hermes da Fonseca, e entre as ruas Seridó e Ceará-Mirim. A demarcação deste traçado, concluída em 1904, definiu grande parte dos atuais bairros de Petrópolis e Tirol, direcionando, também, a malha das áreas de expansão ao sul do Tirol e bairros adjacentes.

Surgidos a partir do chamado *Master Plan* de Polidrelli e confirmados pelo *Plano Geral de Systematização* de Palumbo, os 48 quarteirões que compunham originalmente a área (Miranda, 1999, p.63/64) tiveram sua ocupação edilícia consolidada entre as décadas de 1920 e 1960, conforme evidencia a planta de 1924 – elaborada por Henrique Novaes e Paulo Coriolano para a firma Saturnino de Brito (Figura 1), contratada para implementar o sistema de água e esgotos de Natal (Miranda, 1981, p.123), na qual aparecem pequenos núcleos de ocupação e edifícios esparsos. Confirmavam, também, o ritmo e seqüência dessa ocupação, as características morfológicas do conjunto edificado que sobreviveu até finais do século passado, dos quais restam, hoje, vestígios. É, portanto, nessa área de pouco mais de um quilometro e meio quadrado que se concentra, ainda, embora grandemente dilapidado, o conjunto mais representativo – em termos de volume e diversidade de tendências – da arquitetura doméstica proto-moderna e moderna potiguar.

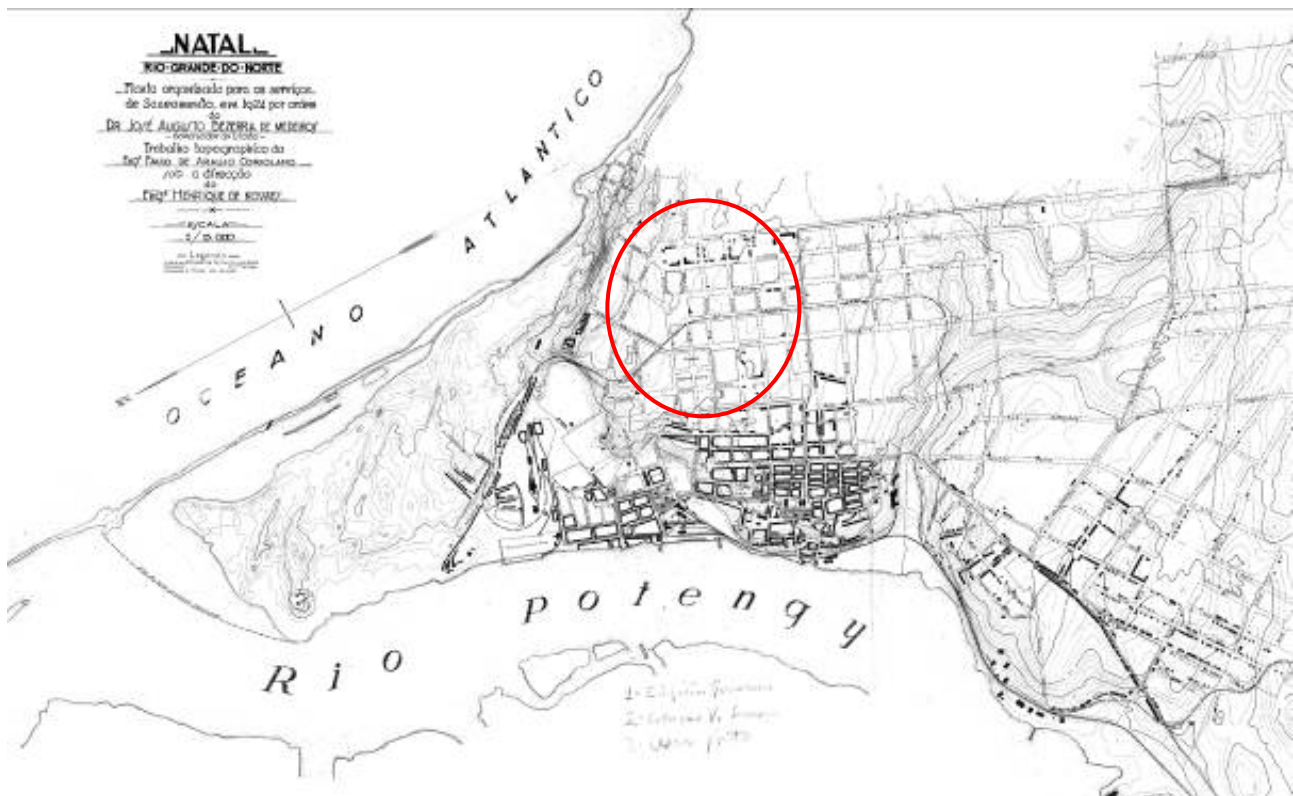


Figura 1: Mapa de Natal, 1924, com a Cidade Nova em detalhe

Fonte: Miranda, 1981.

Do início do século XX até a década de 1970, a elite que residia (e ainda reside) no bairro, construiu moradias segundo tendências estilísticas sucessiva ou concomitantemente predominantes a cada período, não raro buscando manifestar tanto o status social privilegiado no qual se reconheciam, quanto uma desejada sintonia com o repertório formal que, na medida em que avançava o século, se definia mais e mais como símbolo de nossa modernidade e aproximação com os países industrializados. Em que pesem os desacertos e a superficialidade dos elementos arquiteturais adotados, o conjunto que se edificou é o mais expressivo documento dessa modernidade cuja onipresença suscitou a noção de que o modernismo teria sido “(...) o fenômeno arquitetônico mais importante que o Brasil já teve até hoje” (Lara, 2005). Representa, ainda, o breve e único episódio de diálogo direto entre o espaço privado da moradia e o espaço público da rua, para a qual aquela se abre em jardins e terraços protegidos, quando muito, por grades/muros baixíssimos, de caráter essencialmente simbólico, e se mostra através da transparência de amplas superfícies envidraçadas e elementos vazados.

Essa relação que se inaugura com a arquitetura eclética, mas atinge o apogeu, em Natal, na produção modernista dos anos 50, coincide com a emergência de uma malha viária de alta acessibilidade (Trigueiro e Medeiros, 2007), e com o melhoramento da infraestrutura urbana (pavimentação de calçadas e ruas, iluminação, abertura/remodelação de praças), intervenções, em grande parte, voltadas ou propícias à mobilidade do automóvel que então começa a se

generalizar entre a população de classe média. É como se em ruas concebidas para maximizar o movimento, surgissem casas para elas orientadas e prontas para figurar como parte integrante deste constante ir e vir.

O aspecto exterior de modernidade, consubstanciado em um repertório formal referido, à época, como *estilo funcional* e concentrado nas fachadas que se mostram para a rua, ainda que tenha mais a ver com o desejo de “parecer moderno” do que com o ideal modernista de transformação social capaz de estender as oportunidades para além das camadas tradicionalmente privilegiadas, representa um momento único da relação casa-rua que aponta no sentido do paradigma de *urbanidade* (Holanda, 2003), aqui entendido como conjunto de atributos espaciais capazes de facilitar a mobilidade, a diversidade, a inteligibilidade e a co-presença. Esse esboço de atitude visando promover a animação urbana cedo esmaeceria sob o peso do medo e da insegurança dos tempos que lhe seguiriam. As poucas casas modernistas que lograram conservar alguma integridade formal indicativa de suas origens desaparecem agora, atrás de muros altos e densos gradis, comumente contíguos às paredes cegas e ainda mais altas das torres de apartamentos que as substituem, vedadas por portas automáticas controladas por seguranças armados, e sobre as quais se elevam, guaritas, cercas eletrificadas e câmeras de circuito interno de TV.

Atualmente, os bairros de Petrópolis e Tirol (Figura 2) continuam sendo considerados área nobre da cidade e seu alto valor imobiliário, no discurso marqueteiro, é atribuído, predominantemente, à qualidade ambiental legada das origens da Cidade Nova, da qual sobram, hoje, pouquíssimos vestígios. É sobre esses vestígios que passamos agora a comentar.

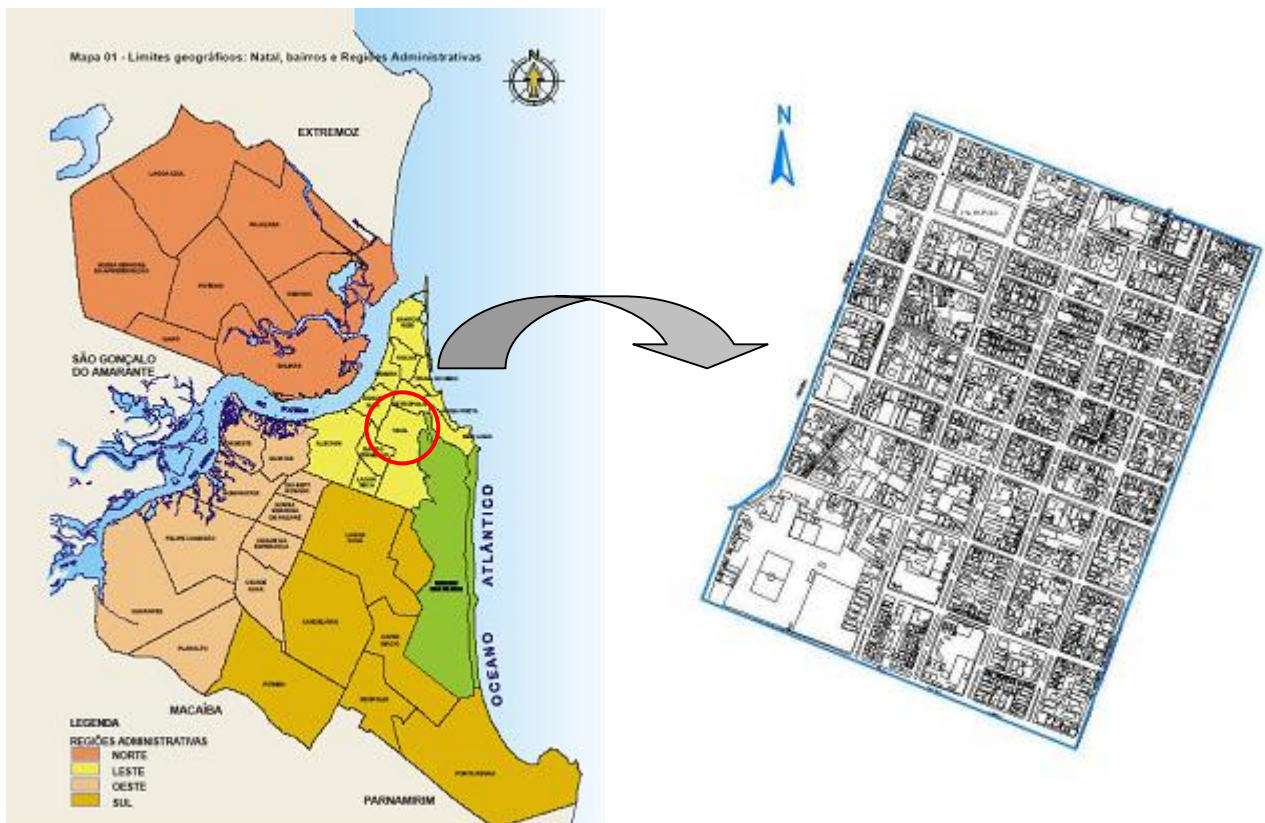


Figura 2: Mapas de Natal, 2007, com a antiga Cidade Nova em detalhe.  
 Fonte: SEMURB/PMN, 2006, trabalhado pelas autoras.

### As transformações urbanas recentes

A partir da década de 1970, paralelamente à efetiva consolidação da ocupação da área, com a rápida redução dos vazios urbanos, o deslocamento do centro ativo da cidade de Natal dos bairros da Cidade Alta e Ribeira (núcleos originais de ocupação), acompanhado pelo gradativo processo de desvalorização e esvaziamento desses núcleos, induziram sensíveis mudanças na área analisada, que deixou de ser essencialmente residencial, configurando-se, cada vez mais, como um centro de comércio e de prestação de serviços especializados, destinados a grupos sociais de média e alta renda. De modo geral, além de enfrentar um acelerado processo de verticalização, tanto para fins institucionais quanto para habitações multifamiliares, duas tendências se acentuaram: a vocação comercial da área e o surgimento do mais importante pólo médico-hospitalar da cidade.

Para ilustrar tal afirmativa, tomou-se como exemplo a Avenida Afonso Pena, um dos eixos mais expressivos da região (Figura 3), com 2 km de extensão, cruzando os dois bairros. Em termos comerciais, até fins da década de 1970 existiam na via apenas 05 pontos comerciais (um centro comercial de pequeno porte, dois mercadinhos e dois bares). Atualmente, a situação alterou-se substancialmente, não só no chamado “Shopping Afonso Pena” (que ocupa quatro quarteirões), mas por toda a via, incluindo, boutiques, restaurantes, instituições prestadoras de inúmeros



serviços, escritórios de profissionais autônomos, farmácias, entre outros (Figura 4). A localização destas últimas provavelmente é função da ampliação do pólo médico-hospitalar (Figura 5): em 1970 havia apenas 01 hospital na via, a Casa de Saúde São Lucas, já existente nos anos 1940; na década de 1980 surgiu o PAPI e, a partir dos anos 1990 assistiu-se à proliferação de clínicas (radiologia, endocrinologia, patologia, fisioterapia, odontologia, e similares) e laboratórios; finalmente, nos anos 2000, foi inaugurado o Natal Hospital Center, acompanhado pela reforma/ampliação dos anteriores.

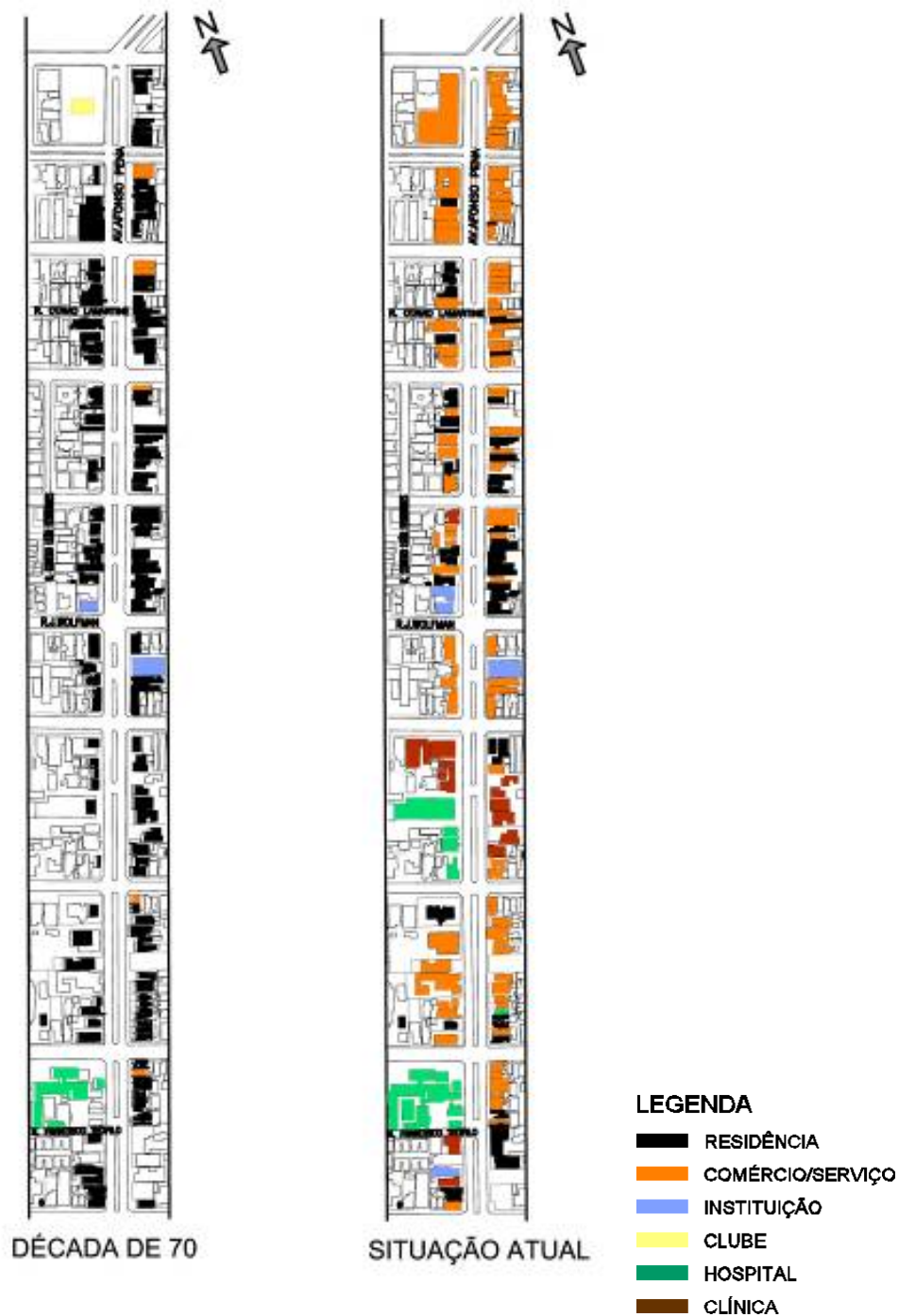


Figura 3: Mapas esquemáticos de uso do solo em trecho da Av. Afonso Pena, Petrópolis, Natal, na década de 1970 e em 2007.



Fonte: SEMURB/PMN, 2006, trabalhados pelas autoras a partir do mapa base.



Figura 04: Usos comerciais em antigas residências da área que foram “contemporaneizadas”



Figura 5: Alguns dos hospitais e clínicas que integram o pólo médico-hospitalar

Os grandes empreendimentos, sobretudo os que apresentam propostas de verticalização, simplesmente representaram a demolição de edificações existentes e sua substituição por edifícios de muitos pavimentos. A maioria deles, no entanto, se instalou em antigas residências, reformando-as, ampliando-as ou acoplando edificações novas, na maioria das situações negando a arquitetura moderna ou pré-moderna predominante na área, em nome da atualização estética, sobretudo das fachadas. Ou seja, tais mudanças acarretaram a substituição do conjunto edilício de Petrópolis e Tirol, atualmente ameaçando extinguir qualquer vestígio do que de melhor se produziu em termos do patrimônio edificado modernista residencial da cidade.

## **O desmonte do acervo patrimonial modernista e protomodernista**

Tendo em vista as transformações de usos descritas nos parágrafos anteriores, e na ausência de qualquer política de proteção ao patrimônio histórico edificado (sobretudo o mais recente), assiste-se, nos últimos anos, ao desmonte progressivo do que constituía o maior acervo da arquitetura residencial protomodernista e modernista na cidade. Contribuem também para este processo fatores de ordem cultural, inerentes a uma sociedade composta primordialmente de recém-chegados fortemente movidos por um ideário social de atualização/reordenação (a população saltou de 200 mil habitantes, nos anos 60, para mais de um milhão atualmente), e de um mercado imobiliário em expansão, no qual o “novo” e o “lucro” parecem ser as únicas noções subjacentes ao processo de transformação. Outro fator, paradoxal, seria a não consideração do moderno como patrimônio histórico por parte dos profissionais de arquitetura e urbanismo, que encontram na área e na clientela demandante de novos projetos um profícuo campo de atuação profissional.

Este processo é claramente evidenciado através da análise dos inventários de edificações de interesse histórico na área, feitos pelo grupo de pesquisa das autoras, em momentos distintos ao longo dos últimos 15 anos. Como se pode observar nas figuras 06 a 10, que comentaremos a seguir, quando não demolidas para dar lugar a edifícios novos, muitas residências foram sensivelmente desfiguradas por projetos de reformas destinados não só a abrigar usos comerciais e/ou de serviços como lhes conferir feições contemporâneas, de inspiração pós-moderna, nas quais panos de mármore branco ou granitos coloridos, não raro fachadas falsas, se misturam a outros apelos imagéticos de ordem meramente figurativa (letreiros e painéis luminosos, falsos pórticos para marcação pomposa da entrada principal, dentre outros), desvirtuando, assim, a tectônica e a unidade estética/morfológica destas edificações. Isso sem falar no emprego de um paisagismo descontextualizado, também meramente decorativo.

Alguns poucos exemplares que mantêm suas características originais relativamente bem preservadas são exatamente aqueles nos quais ainda residem chefes de famílias tradicionais dos dois bairros, em geral idosos com situação financeira estável, que resistem gloriosamente à pressão imobiliária sobre seus imóveis. Este é o caso, por exemplo, da residência apresentada à figura 06, que se encontra atualmente muito bem conservada e preservada, a não ser no que diz respeito à relação casa-rua, modificada pela substituição do gradil original por muro alto de pano quase totalmente cego. Embora a conservação desse e de outros imóveis semelhantes seja louvável, em face da desfiguração geral do cenário urbano de Natal, com a simples substituição do muro original perde-se a evidência de um momento de trégua na quase perene oposição entre espaço público e privado brasileiro, cuja existência é cada vez mais difícil de acreditar. Além disso, nossa experiência tem mostrado que, como observado em diversos outros casos registrados nessa e em outras áreas, logo após o desaparecimento destes patriarcas e/ou

matriarcas, as casas são rapidamente vendidas por seus herdeiros para dar lugar ao “novo” (uso e/ou edifício).

Mas há também casos mais conciliadores, onde o fechamento em relação à rua se dá sem perda de visibilidade, através da substituição (ou superposição) dos elementos delimitadores originais por gradis leves. No exemplo apresentado na figura 07, o gradil já havia sido inserido quando o imóvel ainda tinha uso residencial. Além disso, a mudança de uso não acarretou, necessariamente, a total desfiguração da fachada antiga, ainda que algumas modificações, sobretudo internas, tenham sido feitas.



Figura 6: Edificação preservada e mantendo o uso original.  
\* Foto original em preto e branco, de 1979, pertencente ao então proprietário.



Figura 7: Edificação relativamente preservada, mas com alteração do uso.  
\* Fonte: Mário Rodrigues.

Fato menos grave, na medida em que se reconhece que uma das melhores maneiras de se conservar um imóvel é mantê-lo em uso, embora seja esta também uma das formas mais



paradoxais e difíceis de sua preservação<sup>1</sup> (Choay, 2001), especialmente no caso da arquitetura modernista, cujas relações interior/exterior e edifício-espço público são características marcantes. O desuso prolongado pode levar a situações como a enfrentada pela edificação que se mostra à figura 8, entregue ao mais completo abandono e condenada ao desaparecimento, caso sobre ela não incidam ações modificadoras de seu estado atual, por meio de restauração e, por que não?, revitalização através de um novo uso, condizente com sua estrutura morfológica.



Figura 8: Imóvel abandonado e mal conservado, situado à Avenida Hermes da Fonseca

Mas, como já assinalado, o que se vê com mais freqüência na área analisada é o total desrespeito pelo patrimônio modernista pela dupla inserção de novos usos internos e feições nas antigas fachadas, como no exemplo da edificação abaixo apresentada (Figura 9), que teve sua fachada principal totalmente desfigurada, ou melhor, “depilada”, para falar nos termos do novo uso que lhe foi imposto (um centro de depilação).



<sup>1</sup> E aqui se deve atentar para a diferença entre conservação e preservação. A primeira diz respeito à manutenção do estado físico edificado, subtraindo-lhe do desgaste natural da ação do tempo. A segunda refere-se à manutenção de suas características formais/estilísticas.

Figura 9: Edificação desfigurada pelo novo uso, situada à Av. Afonso Pena.

Talvez mais graves ainda tenham sido os casos em que antigas residências sucumbiram por completo para dar lugar a caixas quase “fúnebres” de granito e vidro que em geral caracterizam a “nova” arquitetura comercial natalense, e nas quais qualidade estética, se houver, é aquela dos produtos exibidos pomposamente em suas vitrines, e que desviam o olhar dos consumidores da arquitetura que os abrigam (figuras 10 e 11).

O edifício constante da figura 10, construído em 2003-2004, já apresenta claros sinais de desgaste, em franco contraste com a moradia substituída que, por volta de meio século de existência, quando condenada à morte, apresentava vigor estético de debutante e reunia um elenco de características (formais, materiais, técnicas e espaciais) capaz de fazer a ponte entre modernismo internacional, nacional e local. Na edificação, o prisma alongado que definia sua silhueta e conferia força ao volume, sobrepujava-se à densidade da massa construída (Hitchcock e Johnson, 1932); as janelas e portas longitudinais extensas, meros panos de vedação, denotavam a independência entre fachada, planta e estrutura, segundo o cânone corbusiano; os elementos construtivos e propriedades espaciais eram claramente derivadas de moradias vernáculas ao gosto de um “modernismo à brasileira”, como indicam as madeiras vazadas (herança das antigas gelosias), os terraços permeando os espaços de dentro e de fora como lugares de passagem e permanência, os múltiplos acessos (para patrões, empregados, os de casa, as visitas); somavam-se a tantas referências internacionais, os elementos de origem local como as “pedras de pedras”, muito em voga nos anos 50 e 60 em Natal, que, pela recorrência passou a integrar o repertório do então “estilo funcional”.



Figura 10: Demolição da edificação anterior e substituição por novo imóvel de apelo pós-moderno.

Situação semelhante pode ser observada no exemplo de demolição da antiga sede do ABC Futebol Clube (Figura 11), cujo conjunto modernista foi sumariamente demolido, sendo substituído por um centro comercial.



Figura 11: Antigo ABC Futebol Clube, hoje Centro Comercial CCAB Norte.  
\* foto do ABC Futebol Clube: Jaecy, s/d.

Na maioria das situações analisadas (tanto nos casos sucintamente apresentados nesse artigo, quanto em outros trabalhos realizados na área), internamente as intervenções não foram menos avassaladoras. Assiste-se à total desconsideração da morfologia interna original das antigas residências, ainda que para o desempenho da nova função não fossem necessárias tantas demolições. Com base em simulações pautadas na análise das relações formas-usos, foi possível observar que os mesmos programas poderiam ter sido acomodados nos edifícios com grau bem menor de modificação de sua configuração espacial interna.

Assim, excetuando os raros casos de manutenção do uso e forma originais, o processo de desmonte das edificações pré-modernas ou modernas na área se dá de várias maneiras: seja, nas mais radicais, pela demolição do antigo edifício e sua substituição por um totalmente novo, seja pela inserção de novos usos e/ou elementos das tendências da arquitetura contemporânea em diferenciados graus de modificação, seja, nos casos menos agressivos, pela simples inserção de um novo e muitas vezes necessário uso, porém não condizente com a morfologia interna da edificação.

### **Considerações finais**

Nos casos aqui apresentados de ações modificadores das estruturas arquitetônicas pré-existent, ficou evidente o despreparo teórico e técnico dos profissionais que realizaram intervenções projetuais em edifícios de valor histórico, o que reforça a necessidade de se dar mais ênfase a esta área específica de conhecimento no curso de formação profissional e nos estudos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. E esta tem sido uma bandeira levantada pelas autoras, como docentes e pesquisadoras da área de projeto e de teoria e história da arquitetura que, além de denunciarem sistematicamente o desmonte do patrimônio edificado natalense e potiguar, atuam de forma integrada e complementar nesta causa, não só no campo do ensino e da

pesquisa, como também por meio de projetos de extensão universitária, com vistas à construção de uma cultura patrimonial mais sólida tanto intra como extra campus.

*\* Agradecemos aos alunos (bolsistas e voluntários), Alana Oliveira, Carlos Onofre, Cíntia Liberalino, Felipe Musse, Larissa Evelyn, integrantes dos grupos de pesquisa MUsA e PROJETA, pela colaboração nas diversas pesquisas que fundamentaram esse texto, bem como na confecção de imagens.*

## **Referências:**

- AUDRERIE, Dominique. Questions sur le patrimoine. Bordeaux: Éditions Confluences, 2003.
- BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2004.
- CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.
- GRACIA, Francisco de. Construir en lo construido: la arquitectura como modificación. Madrid: NEREA, 1992.
- HITCHCOCK, Henry-Russel; JOHNSON, Philip. The international style. New York: Norton, 1996(1932).
- HOLANDA, Frederico. *O espaço de exceção*. Brasília: UnB, 2003
- JEUDY, Henri-Pierre. O espelho das cidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- LARA, Fernando. "A insustentável leveza da modernidade" in *Arquitextos* 057, ISSN 1809-6298, texto Especial 276 – fevereiro 2005, <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc000/esp276.asp> consultado em 13/08/2007
- LEUPEN, Bernard et al. Proyecto y análisis. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- MIRANDA, João Maurício. Evolução urbana de Natal em 400 anos – 1599-1999. Natal: Governo do Rio Grande do Norte, Prefeitura de Natal, Coleção Natal 400 anos, v.VII, 1999.
- \_\_\_\_\_, 380 anos de história foto-gráfica da cidade de Natal – 1599-1979. Natal: Editora Universitária, UFRN, 1981.
- PETERS, Paulhans. Reutilización de edificios: renovación y nuevas funciones. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.
- PIÑÓN, Helio. Teoría del proyecto. Barcelona: Edicions UPC, 2006.
- TRIGUEIRO, Edja e MEDEIROS, Valério. "Of dwellings and streets that connect: a brief honey-moon". Anais do ISUF2007 – International Seminar on Urban Form, Ouro Preto, 2007